



OS MUITOS, NÃO OS POUCOS

A DEMOCRACIA ATENIENSE (C. 507 A.C.)



EM CONTEXTO**FOCO****Política e filosofia grega****ANTES****Séculos XIV e XIII a.C.**

Assentamentos micênicos em Atenas, com a fortificação da Acrópole.

c. 900 a.C. União política de pequenas cidades em Ática numa cidade-estado centrada em Atenas.

c. 590 a.C. As reformas de Sólon abrem a máquina política de Atenas a todos os cidadãos, independente da classe.

DEPOIS

86 a.C. Atenas é saqueada pelos romanos liderados pelo general Sula.

c. 50 a.C. Começo do movimento romano de valorização da Grécia; Atenas torna-se o foco dos benfeitores imperiais.

529 d.C. O imperador cristão Justiniano fecha a escola de Platão e expulsa os estudiosos pagãos.

Péricles

Péricles (c. 495–429 a.C.) tornou-se o mais famoso democrata de Atenas e líder da cidade-estado por quase trinta anos. Ele ficou famoso por volta de 462 a.C., quando ajudou Efialtes a desmontar o Areópago – o último bastião do controle oligárquico. Após a morte de Efialtes, Péricles avançou com as reformas, incluindo a remuneração dos que serviam na corte, possibilitando que até os cidadãos mais pobres fossem ouvidos. Também se acredita

O termo “democracia” vem das palavras gregas *demos* (povo) e *kratos* (poder). A democracia que se desenvolveu na antiga Atenas por volta de 507 a.C. e floresceu em sua forma mais pura entre 462 e 322 a.C., mesmo com algumas interrupções, ofereceu o modelo para aquela que se tornou a forma dominante de governo no mundo: em 2015, 125 dos 195 países do mundo eram democracias pelo voto. A democracia de Atenas, no entanto, diferia de sua forma moderna, refletindo a história de Atenas e dos estados guerreiros gregos daquela época.

Oligarcas e hoplitas

Depois do caos da Idade das Trevas Grega – um período posterior ao desmantelamento da civilização micênica cerca de 1100 a.C. que durou até quase o século IX a.C. –, a maioria das novas cidades-estados se tornou oligarquias onde os nobres poderosos monopolizavam o governo e serviam a seus próprios interesses. Em Atenas, o Areópago – um conselho e tribunal feito de homens de berço aristocrático – controlava a máquina do Estado, indicando autoridades e servindo de corte civil, enquanto os da classe mais baixa (*thetes*) eram excluídos das decisões.

que tenha ajudado a liderar a política externa assertiva de Atenas conforme a cidade buscava explorar sua dominância na Liga de Delos. Durante os anos 440 e 430 a.C., ele se envolveu num ambicioso programa público de construções que desencadeou uma controvérsia local, onde teve que reagir a revoltas, e no exterior foi condenado por ter pedido dinheiro da Liga de Delos para pagar o Parthenon. De qualquer forma, ele era popular e foi eleito general todos os anos desde 443 a.C.



Para o ateniense, os frutos de outros países são luxo similar aos do seu próprio.

Péricles



Mas o desenvolvimento do modelo “hoplita” de soldado-cidadão nos séculos VIII e VII a.C. acabou funcionando de forma disruptiva para os que estavam no poder, já que levou a certo nível de igualdade. Os hoplitas eram homens de artilharia pesada, quase todos cidadãos livres, cuja tática primária era a falange – uma formação militar na qual os soldados ficavam em pé em fileiras muito compactas e o escudo de cada soldado protegia o hoplita à sua esquerda. Qualquer homem que pudesse pagar por armas e armaduras estaria pondo sua vida em risco para defender o Estado. Como resultado, surgiu um tipo de classe média que declarava que o serviço militar deveria garantir a plena cidadania e a representação política. Ao mesmo tempo, as classes mais baixas faziam demandas, e a tensão entre elas e as ordens superiores sobre questões-chave, como reforma agrária e escravidão por dívida, ameaçava levar a uma crise social.

Sólon e Clístenes

Em Atenas, algumas dessas tensões foram dissolvidas, por volta de 594 a.C., pelas reformas do estadista Sólon. Ele implementou a lei que declarava que todos os cidadãos poderiam votar em matérias do Estado e que uma corte

Veja também: O Código Jurídico de Hamurabi 36-37 • O palácio de Cnossos 42-43 • As Guerras Médicas 44-45
 • As conquistas de Alexandre, o Grande 52-53 • As Guerras do Peloponeso 70 • A queda de Constantinopla 138-141



O Parthenon, construído entre 447–438 a.C. como um templo dedicado à deusa Atena, costuma ser visto como um símbolo da democracia e da civilização ocidental.

penal deveria admitir todos os cidadãos. Ao mesmo tempo, no entanto, fez um afago nas classes superiores ao introduzir uma oligarquia em camadas, na qual o poder correspondia à riqueza – o aristocrata controlaria os cargos mais altos, a classe média os mais baixos, e os pobres poderiam ser selecionados em lotes para servir como jurados.

No final do século VI a.C., Atenas foi dominada pelo tirano Pisístrato e seus filhos. Em resposta a isso, uma facção de aristocratas liderados por Clístenes se aliou a membros de posições inferiores na sociedade para tomar o poder. A instituição da verdadeira democracia em Atenas normalmente guarda esta data: cerca de 507 a.C. Clístenes introduziu o verdadeiro governo popular, ou democracia direta, possibilitando a todos os cidadãos de Atenas que votassem diretamente nas decisões políticas (diferente da democracia representativa contemporânea, onde o povo escolhe representantes que agem como legisladores). Ele também reorganizou os cidadãos em unidades geográficas, não em parentesco, rompendo os vínculos tradicionais

que sustentavam a sociedade aristocrática ateniense, e estabeleceu o sorteio – a escolha aleatória de cidadãos para posições governamentais, não mais sendo escolhidos por hereditariedade. Além disso, reestruturou a Bulé – um Conselho de Quinhentos, que redigia algumas leis e propunha outras para a assembleia dos votantes (Eclésia). Em 501 a.C., o comando dos militares foi transferido para generais eleitos pelo povo – os *estrategos*.

Em 462 a.C., Efilates tornou-se líder do governo democrático em Atenas e, com seu suplente Péricles, desmantelou o conselho do Areópago,

transferindo seus poderes para a Bulé, a Eclésia e as cortes de cidadãos. Efilates foi assassinado em 461 a.C. e Péricles assumiu a liderança política, tornando-se um dos mais influentes governantes na história da Grécia antiga.

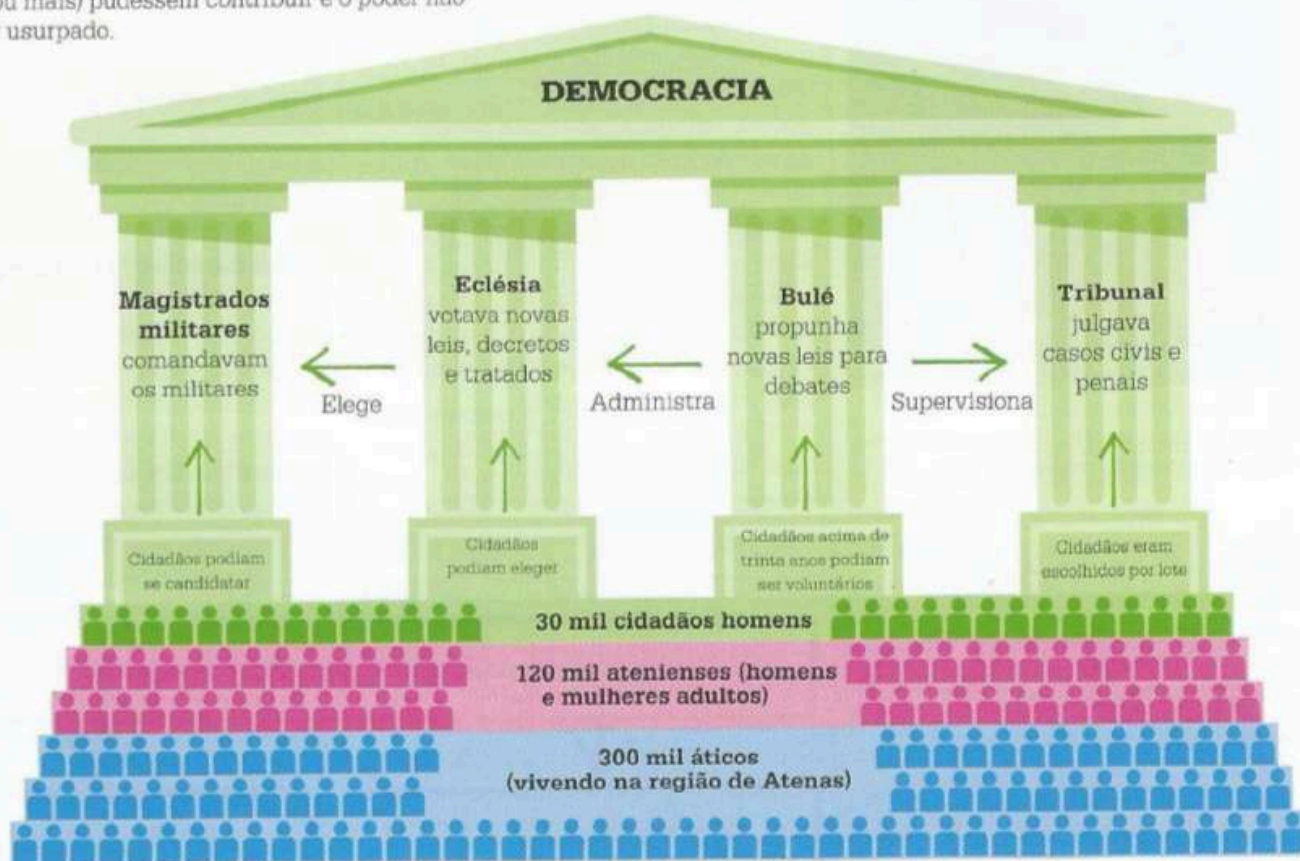
Uma democracia perfeita?

Agora Atenas tinha uma genuína democracia direta, mas muitas pessoas não podiam participar do sistema, já que não eram consideradas verdadeiros cidadãos. Os direitos políticos eram restritos aos homens adultos de Atenas: mulheres, estrangeiros e escravos estavam excluídos. »



50 A DEMOCRACIA ATENIENSE

A **constituição ateniense** baseava-se numa cuidadosa separação de poderes. Isso foi essencial para possibilitar o funcionamento prático da democracia direta. Ela também garantia que todos os cidadãos (homens com vinte anos ou mais) pudessem contribuir e o poder não pudesse ser usurpado.



No século IV a.C., dos mais de 300 mil habitantes de Ática – a região da Grécia controlada por Atenas –, somente 30 mil realmente votavam. Em teoria, homens tornavam-se eleitores aos dezoito anos, mas como quase sempre tinham dois anos de serviço militar, não entravam no rol do conselho até completarem vinte anos e não atingiam plenos poderes políticos até chegarem aos trinta.

Durante a "Pentecontaetia" – as décadas entre a vitória grega na Guerra Médica (479 a.C.) e o começo da Guerra do Peloponeso (431 a.C.) –, Atenas atingiu sua glória. Em 447 a.C., Péricles apropriou-se do tesouro da Liga de Delos (a confederação antipersa que havia se tornado um fantoche da hegemonia ateniense)

para construir um magnífico templo (o Parthenon) no monte conhecido como Acrópole. A cidadania de Atenas era fruto de muita cobiça, e em 451 a.C.

“
Nossos cidadãos comuns, a despeito de ocupados com a busca de habilidades, ainda são juízes justos de matérias públicas.

Péricles

Péricles aprovou uma lei restringindo-a a homens cujos pais fossem ambos atenienses.

Um centro de filosofia

Além de ser a mais poderosa cidade-estado na Grécia antiga, Atenas também era o caldeirão de uma nova direção revolucionária na filosofia, em boa parte devido a Sócrates (c. 469-399 a.C.). Filósofos gregos anteriores, conhecidos em conjunto como pré-socráticos, introduziram sua própria revolução no pensamento humano nos séculos V e VI a.C. Eles rejeitaram explicações sobrenaturais para o mundo, o poder explanatório da mitologia e a autoridade da tradição, dispondo-se a descobrir a origem e o funcionamento do mundo natural

através da razão e da observação. Os filósofos naturais pré-socráticos desenvolveram teorias sobre os elementos, a classificação da natureza e as provas matemáticas e geométricas.

Sócrates voltou seus questionamentos para questões mais humanas e subjetivas – como Cícero havia dito: “Ele trouxe a filosofia do céu para a terra”. O método de Sócrates era simplesmente fazer perguntas: O que é amizade? O que é justiça? O que é conhecimento? O método socrático costumava despir os limites do pensamento existente, geralmente fazendo as pessoas parecerem tolas ou cheias de pompa. Além disso, Sócrates não era popular, e acabou sendo acusado de dois crimes por seus inimigos: corromper os jovens ao encorajá-los a enfrentar o governo e impiedade ou falta de respeito pelos deuses. Por isso foi sentenciado à morte.

Os sucessores de Sócrates

O destino de Sócrates foi tomado como um indiciamento da democracia por seus seguidores, em especial Platão (c. 428–348 a.C.), que o via como um mártir da verdade. Platão cuidava de uma escola (a Academia) e desenvolveu ideias a respeito de verdades e metafísicas universais que moldaram toda a religião e filosofia que o seguiu no mundo ocidental. Seu aluno Aristóteles (384–322 a.C.) tornou-se igualmente influente, criando a escola do Liceu e escrevendo sobre assuntos tão diversos quanto política, ética, direito e ciências naturais.

Platão se opunha à democracia, já que acreditava que as pessoas não estavam suficientemente equipadas com a graça filosófica para legislar e, se a política fosse deixada nas mãos do cidadão comum, surgiria a



tirania. Na sua república ideal, filósofos iluminados governariam como reis. Ele também desafiou o princípio básico da democracia – o da liberdade (*eleutheria*) –, o qual julgava ser capaz de desviar as pessoas da adequada busca da ética, causando assim a desunião social.

A queda da democracia

Durante a Guerra do Peloponeso (431–404 a.C.), na qual Atenas acabou derrotada pelos espartanos, a democracia ateniense foi suspensa por duas vezes, em 411 e 404 a.C. Os oligarcas atenienses alegaram que a

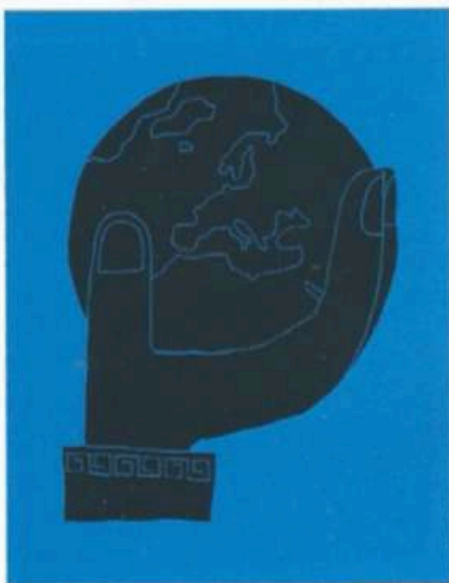
Uma audiência em Atenas (1884), de Sir William Blake, captura a atmosfera da tragédia *Agamemnon* de Ésquilo, c. 450 a.C. Esse período é considerado a Era de Ouro da dramaturgia na Grécia antiga.

fraca posição política de Atenas se devia à democracia, e lideraram uma contrarrevolução para substituir o governo democrático por uma oligarquia extrema. Em ambos os casos, o governo democrático foi restaurado em menos de um ano.

A democracia floresceu nas próximas oito décadas. No entanto, depois da conquista macedônica de Atenas sob Filipe II e seu filho Alexandre (mais tarde Alexandre, o Grande), em 322 a.C., a democracia ateniense foi abolida, sendo restaurada de forma intermitente na era helenística nos séculos I e II a.C., mas a conquista da Grécia pelos romanos em 146 a.C. acabou por destruí-la.

Apesar de o governo democrático ter sido esmagado, a ciência e a filosofia ateniense sobreviveram. A fama e a influência de Platão e Aristóteles duraram pelas eras que os sucederam, e muito de suas obras continua a influenciar o pensamento ocidental até os dias atuais. ■

“
A tirania não derivou
de nenhum outro governo
senão da democracia,
seguindo-se a uma liberdade
extrema, penso eu, uma
extrema e cruel servidão.
Platão
”



NÃO HÁ NADA IMPOSSÍVEL PARA AQUELE QUE TENTA

AS CONQUISTAS DE ALEXANDRE, O GRANDE (SÉCULO IV A.C.)

EM CONTEXTO

FOCO

O mundo helenístico

ANTES

449 a.C. O fim das Guerras Médicas deixa a Pérsia no controle dos reinos gregos na Ásia Menor.

359 a.C. Filipe II da Macedônia começa sua ascensão ao poder e desenvolve tecnologias e táticas militares inovadoras.

338 a.C. Filipe II derrota os estados gregos e se torna o líder indisputado da Grécia.

DEPOIS

321 a.C. Depois da morte de Alexandre, a rixa entre seus generais explode numa guerra civil aberta.

278 a.C. Os generais de Alexandre estabelecem três reinos helenísticos na Grécia, Oriente Médio e Europa.

30 a.C. O imperador Otaviano anexa o Egito, o último reino helenístico, a Roma.

Numa das expansões militares mais rápidas e ousadas da história, Alexandre, o Grande, o jovem rei da Macedônia, nos Bálcãs, deixou uma trilha gloriosa de conquistas por todo o mundo conhecido de seu tempo, pondo em ação um processo de helenização – a disseminação da cultura grega e sua fusão com as tradições orientais não gregas – que durou séculos.

O pai de Alexandre, Filipe II, transformou seu Estado periférico num formidável poder militar, e travou campanhas contra seus vizinhos que culminaram no domínio macedônico



Neste antigo mosaico romano, Dário III é mostrado lutando em Issus, em 333 a.C. Alexandre conquistou o império do rei da Pérsia e destruiu sua capital, Persépolis, sem sofrer nenhuma derrota.

sobre toda a Grécia. Quando ele foi assassinado, em 336 a.C., Filipe havia planejado uma expedição para a Ásia Ocidental para libertar as antigas cidades-estados gregas então governadas pela maior superpotência do mundo, o Império Persa. Depois de assegurar o trono macedônico ao destruir seus rivais, Alexandre decidiu seguir a jornada de seu pai, ao mesmo tempo que satisfazia sua própria sede de glória.

Rei do mundo

Depois de forçar as outras cidades-estados gregas a aceitar sua autoridade em 334 a.C., Alexandre marchou para a Ásia Menor (atual Turquia) liderando um exército de 43 mil soldados a pé e 5.500 a cavalo. Em seu centro estava a falange macedônica, um comando bem treinado e muito coeso de 15 mil homens armados com a *sarissa*, uma lança de quase sete metros de comprimento. Quando articulada com a impressionante cavalaria de choque guarnecida pela guarda pessoal do rei, os *heteros*, a formação não permitia resistência.

Depois de uma vitória inicial contra os persas no rio Granico a noroeste, Alexandre forçou a passagem pela Ásia Menor. Parou em Górdio, no reino central da Frígia, onde a tradição rezava

Veja também: As Guerras Médicas 44-45 ■ A democracia Ateniense 46-51 ■ O assassinato de Júlio Cesar 58-65 ■ Justiniano reconquista Roma 76-77 ■ A fundação de Bagdá 86-93 ■ A queda de Constantinopla 138-141

A **troca cultural** Oriente–Ocidente começa com as Guerras Médicas, em que as províncias do Império Persa são **helenizadas** e os macedônios adotam aspectos da **cultura persa**.



As conquistas de Alexandre forçam a rápida síntese das culturas grega e orientais, semeando a Era Helenística.



O **aprendizado helenístico** sobrevive à queda de Roma durante o **Império Bizantino** e com a **tradução** de clássicos gregos para o árabe durante a **Era de Ouro do Islã**.



Sociedades helenizadas no Egito e na Ásia Ocidental são **assimiladas** pelo Império Romano.

que quem pudesse desatar um complexo nó feito pelo fundador da cidade conquistaria todo o continente. Alexandre, de forma direta, cortou o nó com sua espada. Seguiu adiante para derrotar por duas vezes as forças muito superiores arregimentadas por Dário III, o imperador persa – em Isso (na costa sul da Ásia Menor) em 333 a.C., e em Gaugamela (hoje Iraque) em 331 a.C., subjugando o Egito ao mesmo tempo.

Tendo submetido os persas, Alexandre levou suas tropas para o leste, atravessando montanhas, desertos

e rios até chegar ao Afeganistão e à Ásia Central, indo além até Punjab, na Índia, esmagando impiedosamente qualquer resistência. Ele poderia ter avançado ainda mais na Índia, mas em 325 a.C. seus homens, exaustos, se recusaram a ir adiante.

O legado helenístico

Alexandre passou a ser o rei de um vasto e etnicamente diverso império que incluía setenta cidades recém-fundadas, unidas por costumes, cultura e língua gregos, ligadas por rotas comerciais. Apesar de o

processo de helenização já ter começado na parte ocidental da Pérsia antes de sua expedição, Alexandre acelerou sua disseminação pelo Oriente Médio.

Em 323 a.C., Alexandre morreu – muito provavelmente de doença, mas talvez por envenenamento – sem escolher um sucessor. Seu império foi fatiado por seus principais generais, mas algumas das dinastias helenísticas que eles fundaram, principalmente a Selúcida na Síria e na Babilônia, e a Ptolomaica no Egito, sobreviveram até a época dos romanos. ■

Alexandre, o Grande



Por toda a Antiguidade, Alexandre foi reconhecido como o homem mais impressionante já visto e, considerando a amplitude e duração de sua fama, que o viu se tornar uma figura central nas literaturas da Ásia Central até a Europa Ocidental, ele é um dos homens mais famosos da história. Nascido em 356 a.C., de pais que alegavam ser descendentes de demiurgos e heróis, a educação de Alexandre sob o filósofo Aristóteles garantiu sua expertise em lendas gregas, fazendo com que crescesse que era invencível, até divino. Como general, era decisivo, ousado até a beira da insensatez –

por sua vida e pela de seus homens –, além de ter um brilhante conhecimento tático. Manteve a lealdade de suas forças por toda a sua campanha, mas seu temperamento oscilante e violento, alimentado pela bebida, fez com que vez ou outra eliminasse os mais próximos de si, incluindo seus amigos. Alexandre morreu aos 32 anos, no auge de seu poder. Seu cortejo fúnebre foi sequestrado por Ptolomeu, um de seus generais, e desviado para Alexandria, no Egito, onde seu túmulo, agora perdido, foi mais tarde visitado por Júlio César.



ASSIM PERECEM TODOS OS TIRANOS

60 / 356



**O ASSASSINATO DE JÚLIO CÉSAR
(44 A.C.)**



EM CONTEXTO

FOCO

A queda da República Romana

ANTES

509 a.C. Roma se torna uma república na qual um pequeno grupo de famílias ricas dividem o poder.

202 a.C. Roma derrota Cartago no norte da África, e o império se expande rapidamente.

88–82 a.C. A guerra civil entre os generais rivais Sula e Mário joga a república na crise.

DEPOIS

31 a.C. A vitória de Otaviano na Batalha de Áccio leva à sua ascensão como o primeiro imperador de Roma e ao fim da república.

79 d.C. A erupção do Vesúvio destrói Pompeia.

Século II d.C. O Império Romano atinge a sua maior extensão, com uma população de quase 60 milhões de pessoas.

No dia 15 de março, 44 a.C., a vida de Júlio César, ditador de Roma, teve um final sangrento nas mãos de uma facção de senadores aristocráticos que estavam determinados a salvar a República Romana daquilo que viam como a tirania de César. Na verdade, a morte do ditador não salvou a república: simplesmente desencadeou a última de uma série de guerras civis que exauriram o Estado romano. Ela tornou-se indefesa para resistir à ascensão ao poder absoluto do sobrinho-neto de César, Otaviano. Assumindo o título de Augusto, ele criou um novo arranjo político,



garantindo a si mesmo governar como imperador e acabando com a República Romana de quinhentos anos em tudo, menos no nome.

Origens republicanas

Desde seu começo antigo como um grupo de pequenas vilas sobre as sete colinas às margens do rio Tibre, Roma cresceu até virar uma cidade-estado, uma entre várias na península italiana. De acordo com a lenda, Roma foi primeiro governada por reis, mas em 509 a.C. a monarquia foi derrubada e se

transformou numa república. Uma nova constituição permitia a eleição de dois altos oficiais, conhecidos como cônsules, para governar o Estado; mas, para prevenir o abuso de poder, seu mandato estava restrito a um ano. O cargo de rei também estava proibido, e houve uma provisão especial para a designação de um ditador para substituir os cônsules em tempos de crise – seu mandato foi limitado a seis meses.

A inexperiente República Romana se mostrou extremamente bem-

Veja também: A democracia ateniense 46-51 • As conquistas de Alexandre, o Grande 52-53 • A Batalha da Ponte Mílvia 66-67 • O saque de Roma 68-69 • A coroação de Carlos Magno 82-83 • A queda de Constantinopla 138-141

A coluna de Trajano, em Roma, é uma das mais valiosas fontes de informação a respeito do exército romano – ela é decorada com um alto-relevo espiral que mostra as legiões bem equipadas em campanha.

-sucedida: entre 500 e 300 a.C., ela cresceu em extensão e poder através da combinação de conquistas e diplomacia, até que incorporou toda a Itália. Entre 202 e 120 a.C., Roma chegou a dominar partes do norte da África, a Península Ibérica, Grécia e o que hoje é conhecido como o sul da França. Os territórios conquistados foram organizados em províncias, lideradas por governadores com mandatos curtos, responsáveis por manter a ordem e supervisionar a arrecadação de impostos.

No século I a.C., Roma era uma superpotência mediterrânea, mas, mesmo com uma longa tradição de governo coletivo, no qual nenhum indivíduo poderia concentrar muito controle, ela foi desafiada pelas ambições pessoais de alguns poucos militares extremamente poderosos. Uma série de guerras civis sangrentas, lutas políticas internas e insatisfação civil culminaram na ditadura de Júlio César, um brilhante general e estadista cujo assassinato pelas mãos de seus inimigos políticos levou ao fim da república e ao nascimento do Império Romano.

O desmonte da república

No período no qual Júlio César se tornou proeminente na cena política romana (cerca de 70 a.C.), Roma estava em tumulto: acossada por problemas sociais e econômicos cada vez piores e dividida por conflitos políticos. Antes, na história de Roma, a população de não escravos foi oficialmente dividida em duas classes: os patrícios (membros de uma antiga nobreza hereditária e



ricos fazendeiros) e os plebeus (as pessoas comuns). Na formação da república, somente os patrícios tinham direito a ocupar uma vaga no Senado – o conselho governante e consultivo –, mas em 368–367 a.C. uma emenda constitucional também permitiu a eleição de plebeus ricos, resultando num arranjo de divisão de poderes.

Mas, na verdade, um pequeno grupo de famílias patrícias conhecido como os Optimates (os “melhores homens”) havia há tempos dominado o Senado e cuidadosamente mantido seus privilégios. No fim da República Romana, os que defendiam os direitos da plebe – os Populares (“homens do povo”) – buscaram apoio popular contra os Optimates, fosse pelo interesse do povo ou, com mais frequência, em favor de suas próprias carreiras. Os Optimates, agindo por interesse próprio, resistiram a fazer as reformas sociais e econômicas urgentemente necessárias para satisfazer as novas

carências do povo romano. Na Itália e nas províncias, um sistema desigual de taxaço e governos corruptos estava causando insatisfaço social, enquanto na própria cidade de Roma a infraestrutura quase não dava conta da crescente população. A rápida expanso do império trouxe uma » enxurrada de trabalhadores escravos

“

Em César foram combinados gênio, método, memória, literatura, prudência, deliberação e engenhosidade.

Cícero

Segunda Filípica, seção 116

”

62 O ASSASSINATO DE JÚLIO CÉSAR

das províncias, expulsando muitos camponeses romanos e pequenos proprietários de terra dos campos em direção à cidade em busca de trabalho.

A ascensão de Júlio César

Enquanto isso, um grupo de líderes militares nas províncias de Roma começou a usar seus exércitos para ver quem alcançava a maior proeminência política. Entre eles estava Júlio César, um general muito inteligente e ambicioso vindo de uma família patricia que havia se aliado aos Populares e subido alguns degraus políticos. César estava focado em fazer as reformas necessárias para satisfazer os desafios da república, por isso se colocou numa posição que lhe permitiria atingir tal meta.

Em 60 a.C., César tornou-se cônsul, e dois anos depois foi escolhido governador da província da Gália, um cargo que lhe permitia continuar a par dos acontecimentos no Senado, ao mesmo tempo que lhe oferecia um trampolim para a glória militar. Numa série de hábeis campanhas durante os oito anos seguintes, conquistou a Gália, abarcando tudo o que hoje é a França, além de partes da Alemanha e da Bélgica, em seu poder. Ele também liderou duas expedições até a

Inglaterra, em 55 e 54 a.C. Os ganhos com tais campanhas militares heroicas deixaram César muitíssimo rico e aumentaram seu prestígio pessoal. Ele desfrutava da lealdade de seus exércitos e do amor das massas de Roma e baseado neles agora podia oferecer extravagantes banquetes, além de bancar jogos com o dinheiro.

Encorajado por seus feitos, César tentou ditar os termos pelos quais voltaria à política romana, exigindo que lhe fosse permitido ser cônsul pela segunda vez enquanto manteria seu comando na Gália. Isso o colocou numa rota de colisão com os Optimates no Senado, já que a lei romana exigia que os líderes militares abrissem mão do controle de seus exércitos antes de entrarem em Roma, um pré-requisito para concorrer a um cargo. César sabia que, se concordasse em entrar na cidade como um cidadão civil, sem seus exércitos, seus oponentes políticos muito provavelmente iriam tentar julgá-lo por abuso de poder durante o seu primeiro consulado.

Em Roma, os Optimates, alarmados com as implicações da ascensão meteórica de César, aliaram-se a um dos seus maiores rivais políticos, o famoso general

“

Ainda assim devemos recuar, mas, tendo cruzado aquela pequena ponte, tudo se resolverá na espada.

Júlio César

Falando ao seu exército antes de cruzar o Rubicão

”

Pompeu. O Senado aprovou leis visando remover César do comando quando voltasse de Gália, e em 49 a.C. eles o declararam *hostis*, ou seja, um inimigo público. Em resposta a essa ameaça direta, César fez o impensável: marchou com seus exércitos para Roma. A caminho, parou na fronteira entre as províncias gálicas e a Itália, às margens de um pequeno rio chamado Rubicão. César sabia muito bem que atravessar o rio seria considerado uma declaração de guerra contra o Senado, mas, citando o poeta ateniense Menandro, anunciou: *Alea jacta est*

Júlio César



Caio Júlio César nasceu em Roma em 100 a.C., filho de uma família patricia de honrada ascendência. Desde jovem entendeu que o dinheiro era a chave para o poder num sistema político que havia se tornado corrupto. Também aprendeu rapidamente que forjar uma rede de alianças e apoios seria crucial para seu sucesso. Depois de servir na guerra para abafar a revolta dos escravos liderada por Espártaco em 72 a.C., César foi, por pouco tempo, tomado refém por piratas. Assim que voltou para Roma, em 60 a.C., gastou uma fortuna para comprar

influência e posição, acabando por aliar-se com outros dois líderes de Roma, Crasso e Pompeu, para formar o chamado Primeiro Triunvirato. Entre 58 e 50 a.C., formou uma base provincial na Gália, onde, sem a sanção do Senado, lançou uma série de campanhas que o fizeram senhor da Europa Ocidental, com enorme riqueza e poderosos exércitos. Mas tais campanhas também fizeram com que tivesse muitos oponentes no meio das classes dominantes, os quais acabariam com sua carreira e sua vida.

("a sorte está lançada") e avançou com seus homens.

A nova ordem de César

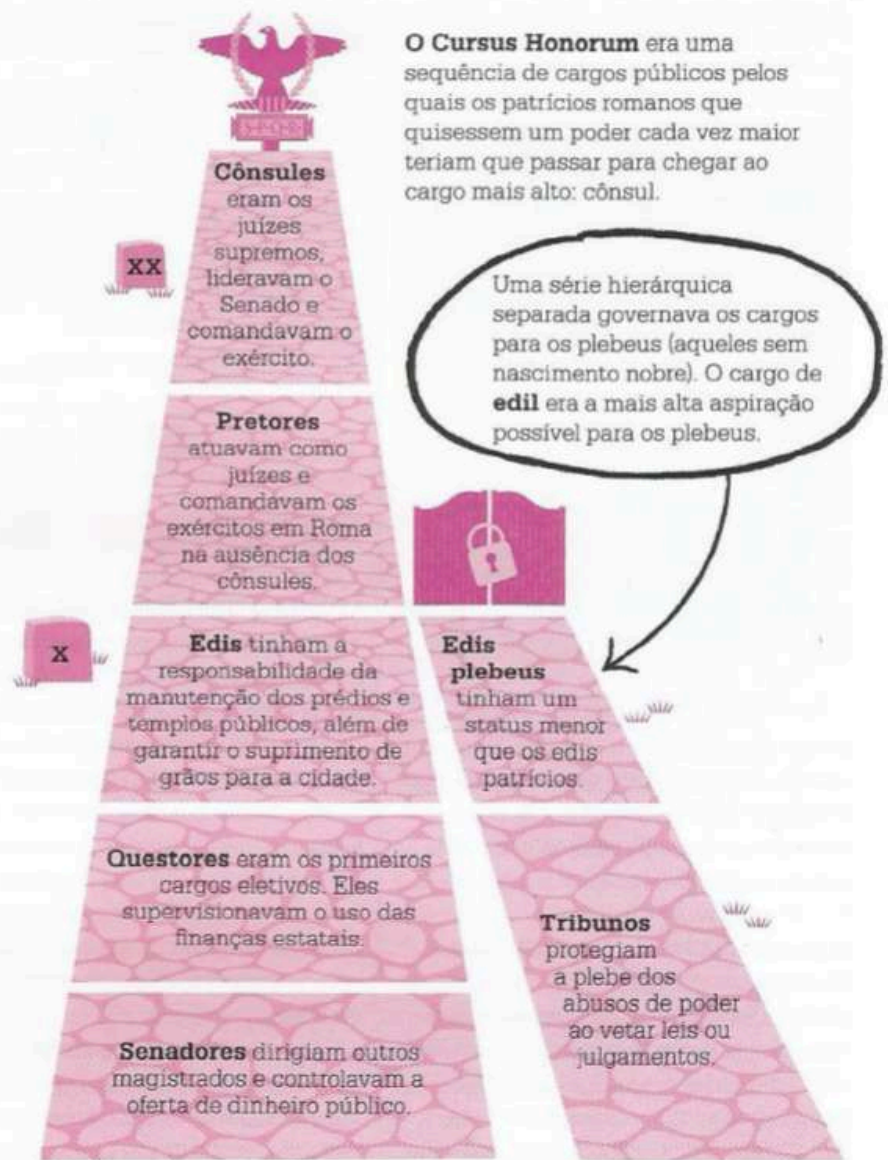
Na guerra civil que se seguiu, César finalmente triunfou sobre as forças de Pompeu na Batalha de Farsalos, no norte da Grécia, em 48 a.C. O derrotado Pompeu buscou abrigo no Egito, onde acabou sendo assassinado. Depois de esmagar os bolsões de resistência que ainda sobravam, César por fim voltou a Roma em 45 a.C. para consolidar sua posição política. Em 46 a.C., aceitou ser ditador por dez anos. Dois anos depois, recebeu esse cargo de forma vitalícia. Agora numa posição de começar a monumental tarefa de reconstruir o Estado romano e restaurar a estabilidade do império, César deu início a amplas reformas sociais e políticas. Estendeu a cidadania romana; aumentou o Senado ao trazer aliados vindos da aristocracia provincial; estabeleceu colônias fora da Itália para ajudar a disseminar a cultura romana e unificar todo o império; gastou enormes quantias em grandiosas obras públicas e monumentos; cortou impostos; e até mesmo reformou o calendário romano, introduzindo o sistema de anos bissextos que é usado até hoje.

Um assassinato planejado

As soluções pragmáticas de César para restabelecer a unidade no império depois de anos de caos tiveram uma resposta favorável pela maior parte da sociedade, ainda que, ao mesmo tempo, sua atitude cada vez mais autocrática em relação ao poder estivesse alienando outros membros da classe dominante. Eles sentiam que César estava tentando destruir as respeitadas tradições do Estado romano, além de minar o prestígio da nobreza e espalhar o rumor de que estava planejando fazer de si mesmo rei. Infelizmente, César foi incapaz de desfazer as suspeitas. Ele aceitou honras sem precedentes, como

assumir o título "Imperator" ("Victorious General") como nome de família. Também permitiu que fossem erguidos templos e estátuas em sua honra e cunhou moedas com sua imagem. Quando adotou seu sobrinho-neto Otaviano, temia-se que estivesse tentando criar uma linha de sucessão dinástica. Alguns membros do Senado concluíram que a única solução para o problema seria assassinar César, e logo conspiraram para que assim o fosse. Representando aqueles que se opunham às reformas do ditador – e o principal agente no plano de matá-lo –, Caio Cássio Longino era um general que

O **Cursus Honorum** era uma sequência de cargos públicos pelos quais os patrícios romanos que quisessem um poder cada vez maior teriam que passar para chegar ao cargo mais alto: cônsul.



Uma série hierárquica separada governava os cargos para os plebeus (aqueles sem nascimento nobre). O cargo de **edil** era a mais alta aspiração possível para os plebeus.

havia alcançado importância política durante a grande e desastrosa campanha na Pérsia. Antigos historiadores romanos argumentaram que o envolvimento de Cássio se deu por uma combinação de inveja e cobiça. Também se diz que foi ele quem recrutou o mais importante conspirador, Marco Júnio Bruto, um confiável colega e confidente de César, que se opunha às supostas ambições monárquicas do ditador.

A morte de um ditador

O plano do assassinato cresceu rapidamente, chegando a incluir »

sessenta senadores, entre os quais vários colegas próximos de César. Os conspiradores decidiram atacar numa reunião do Senado que havia sido marcada para o dia 15 de março (os Idos de Março). Naquele dia, se reuniram na casa de Cássio, com cada senador escondendo uma adaga debaixo de suas vestes, antes de irem para o Teatro de Pompeu – parte de um grande complexo cívico que o velho rival de César havia construído –, onde o Senado se reuniria. Um grupo de gladiadores estava a postos no próprio teatro para controlar qualquer problema com as multidões. Mas muitos dos conspiradores estavam nervosos e prontos para fugir, convencidos de que o plano havia sido descoberto.

César, de fato, havia sido alertado: uma lista de conspiradores chegou a suas mãos, mas ele a ignorou. Sua esposa implorou para que ele não fosse à reunião do Senado, mas um dos conspiradores, infiltrado na casa de César, ajudou a acalmá-la. Quando César chegou à reunião, um conspirador distraiu seu assistente, Marco Antônio, atrasando-o fora do teatro. Depois que César se sentou, os conspiradores sacaram suas adagas e atacaram, esfaqueando-o 23 vezes. Numa reviravolta irônica, César deu seu último suspiro apoiado na base da estátua de seu velho rival Pompeu.

“

Encontrei Roma uma cidade de tijolos e deixei-a uma cidade de mármore.

Augusto

De acordo com Suetônio, biógrafo de Augusto

”

“

César, como o mais gentil dos médicos, foi oferecido aos romanos pelo próprio céu.

Plutarco

Vidas paralelas

”

O Segundo Triunvirato

Tomados por um fervor maníaco, os conspiradores molharam suas mãos no sangue de César e correram até o Fórum para proclamar seu tiranicídio. No vácuo de poder que se seguiu, Marco Antônio e o herdeiro de César, Otaviano, rapidamente assumiram o controle do Estado formando, em 43 a.C., um triunvirato (um grupo de três homens dividindo o poder) juntamente com Lépido, um dos antigos aliados de César.

Precisando juntar fundos suficientes para estabilizar sua autoridade e para remover a oposição política, o triunvirato preparou uma lista daqueles que apoiaram os assassinos de César e os declarou culpados. Por volta de duzentos senadores e mais de 2 mil equites (“cavaleiros”, ou baixa nobreza) foram mortos ou tiveram seus bens confiscados. Com os cofres do tesouro cheios, o triunvirato caçou e destruiu Bruto e Cássio. Em 40 a.C., o triunvirato se reuniu novamente, agora para dividir o mundo romano. A África foi dada a Lépido, o Oriente a Marco Antônio e o Ocidente a Otaviano. Mas não demorou muito para que Otaviano entrasse em guerra com Marco Antônio no norte da África e, depois de derrotar suas forças em Áccio, no oeste da

Grécia em 31 a.C., Otaviano se tornou o senhor do mundo romano.

O primeiro imperador de Roma

Otaviano voltou a Roma em 28 a.C. e, em vez de seguir o exemplo de César, renunciou aos poderes ditatoriais a ele concedidos para declarar guerra a Marco Antônio. Em 27 a.C., em gratidão por seus serviços a Roma, o Senado lhe outorgou o nome de Augusto (“personagem reverenciado”) em uma série de poderes legais. Por fim, com destreza política, tornou-se o único governante de Roma, controlando todos os aspectos do Estado romano e comandando seu exército.

Um imperador em tudo, menos no nome (ele foi cuidadoso em evitar títulos, chamando a si mesmo de *princeps*, ou “primeiro cidadão”), nos quarenta anos seguintes Augusto se prontificou a transformar as ruínas do sistema republicano numa autocracia imperial, ao mesmo tempo que mantinha a ilusão de que a sua autoridade dependia da vontade do povo. De forma imprecisa, estabeleceu os limites do império, aprovou reformas para sanear tanto a vida privada quanto pública e esmagou seus opositores. Depois de longos períodos de exaustiva guerra civil, muitos no império estavam gratos pela paz.

A Pax Romana

De fato, o poder dos militares romanos e as consequentes melhoras na segurança e na estabilidade em todo um vasto território, naquilo que ficou conhecido como a Pax Romana (“Paz Romana”), levaram ao crescimento do comércio, da atividade econômica, da população e da prosperidade geral. As artes e a cultura floresceram, houve uma proliferação de construções públicas e privadas, e as províncias fora da Itália passaram por um

processo de romanização no qual língua, cultura, leis e instituições romanas foram introduzidas em várias sociedades através de diversas fronteiras étnicas. Os provinciais até receberam a plena cidadania romana depois de um período de serviço militar.

Mas, para as regiões além dos limites do império, a Pax Romana de Augusto quase sempre queria dizer o seu oposto. Mesmo depois de reduzir o exército de oitenta legiões para apenas 28, Augusto ainda teve de encontrar emprego para 150 mil soldados. Ele lançou uma série de campanhas para estender as fronteiras, suprimir ou restringir rebeldes e "bárbaros" e conquistar escravos a partir das terras dominadas.

O altar do Ara Pacis Augustae em Roma é dedicado a Pax, a deusa romana da paz. O friso da procissão mostrava membros do Senado romano com um sacerdote.

“

Mantenham comigo a esperança de que quando eu morrer as fundações que lancei para o futuro governo [de Roma] se mantenham firmes e estáveis.

Augusto

”

Um legado imperial

Ao final de sua vida, em 14 d.C., Augusto havia estabelecido um novo sistema imperial que duraria séculos. Alguns anos antes de sua morte, ele preparou o caminho para que um herdeiro o sucedesse e manteve o controle do Estado. Seu enteado, Tibério, foi aos poucos recebendo poderes até

que pudesse ser efetivamente considerado um coimperador. Isso suavizou a transferência de autoridade com a morte de Augusto, evitando um vácuo de poder e garantindo a continuidade.

Augusto estabeleceu, assim, o princípio da sucessão direta e garantiu a sobrevivência do cargo de imperador. O sistema continuou por múltiplas dinastias, com o império atingindo seu ápice sob a dinastia nerva-antonina, quando o imperador Adriano ordenou a construção de um muro no norte da Britânia para marcar o limite do império.

A transição de república para monarquia, apesar de drástica, deu a Roma uma nova estabilidade. Mascarado de democrata, Augusto criou um novo sistema autocrático de governo que, a despeito de restringir a participação política, era muito mais capaz de resistir aos levantes compulsivos que haviam infestado a República Romana uma geração atrás. ■

